

Uma cachoeira de festas ausentes

Waleska Rodrigues de Matos Oliveira
Martins¹
Sérgio Ricardo Oliveira Martins²

Introdução

296

Estamos em Cachoeira, cidade conhecida pela beleza paisagística do vale do Paraguaçu, pela centenária ponte D. Pedro II, pela história de um protagonismo heroico contada, com indisfarçável entusiasmo, por seus (suas) moradores(as). No passado, Cachoeira foi entreposto movimentado de uma importante via de circulação mercantil, entre Salvador, o sertão e a chapada Diamantina. Na década de 1980, um novo elemento surgiu na paisagem: a barragem da usina Pedra do Cavalo, à montante de onde, outrora, as embarcações ancoravam na antiga Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira (Fig. 1).

Cachoeira respira história. Caminhar por suas ruas, becos e praças, contemplar a arquitetura dos prédios e igrejas e participar de suas festas são ações que despertam memórias e fazem viajar no tempo a imaginação. De fato, seu rico patrimônio histórico-cultural de certamente confere materialidade às narrativas de heroísmos e auge econômico, como na

¹ Doutora em Estudos Literários (UNESP), professora do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: waleskamartins.wm@gmail.com.

² Doutor em Geografia Humana (USP), docente do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: sergioolivemartins@gmail.com.

história “poética” de Rubens Rocha (2015), que transborda topofilia quando se refere à Cachoeira como “Joia do Recôncavo”.



Fig. 1. Jomar Lima, “Cachoeira, rio Paraguaçu, ponte D. Pedro II e barragem da UHE Pedra do Cavallo” (2006).

297

O município possui quase 34 mil habitantes, 51% dos quais domiciliados na área urbana.³ A urbe, especialmente estreitada entre o relevo colinoso e a margem esquerda do rio Paraguaçu, surpreende pela densidade da movimentação comercial diurna, que logo revela a predileção cachoeirana pela festa. De fato, são frequentes os anúncios de eventos festivos e celebrações comemorativas, em sua maior parte com motivações religiosas.

O calendário de eventos festivos de Cachoeira não deixa dúvida: as festas movimentam o cotidiano e a economia da cidade, com base na produção e consumo associados ao turismo cultural. De acordo com a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, são mais de 40 festas no calendário cultural de Cachoeira. O número é certamente expressivo, mas sobretudo indicativo de que Cachoeira não apenas faz festas, como também é feita por elas. As festas, entre comemorações, rituais e *shows*, são espaços-tempos de faturamento comercial, ocupação e renda para muitas cachoeiranas e cachoeiranos. A cidade que, sobretudo nos últimos vinte

³ A estimativa populacional do IBGE para Cachoeira, em 2020, é de 33.567 habitantes. (IBGE, Cidades)

anos, tem feito festas como forma de dinamização econômica e cultural, e que se viu impedida de realizá-las em praticamente todo o ano de 2020, é o contexto desse artigo que objetiva evidenciar e compreender os efeitos socioeconômicos das festas ausentes, em decorrência das restrições sanitárias impostas pela pandemia da Covid-19.

A pesquisa adota uma abordagem processual da formação histórica e do potencial turístico de Cachoeira. Contextualiza-se na dinamização econômica e cultural, sobretudo a partir dos anos 2000, voltando-se, mais especificamente, para o papel das festas nesse contexto. Nesse sentido, o procedimento adotado busca uma análise mais voltada aos processos, buscando correlacionar dados primários de fontes como IBGE e PNUD/Brasil com dados secundários da Superintendência de Estudos Econômicos do Estado da Bahia (SEI) e outros estudos.

No trabalho de campo, entre setembro de 2019 e agosto de 2020, foram realizadas quatro visitas de observação direta (1 sistemática e 3 assistemáticas) no espaço urbano de Cachoeira, com o intuito de observar a movimentação geral cotidiana. Em setembro de 2020, já na fase de flexibilização do acesso aos estabelecimentos comerciais não classificados como essenciais, foram realizadas duas entrevistas: com um membro do Conselho de Cultura e com o titular da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Cachoeira.

Cabe acrescentar que esse trabalho é parte do projeto de pesquisa “Cidades e Festas: As ambivalências do Recôncavo da Bahia”, que conta com financiamento do CNPq. Busca compreender os efeitos socioeconômicos e espaciais dos eventos festivos em Cachoeira-BA, numa perspectiva sensível à fluidez epistemológica do conceito de festa-questão, isto é, da festa como perspectiva a ser apreendida, que atua sobre seus promotores e participantes e que escapa a qualquer tentativa de objetivação ou decifração apriorística (PEREZ, 2011).

1. Turismo cultural e o novo dinamismo social e econômico de Cachoeira

Há testemunhos materiais e imateriais dos anos de glória e efervescência política, social e econômica, como também de declínio e estagnação, em

toda a região do Recôncavo da Bahia. De forma *sui generis* em Cachoeira, essa história legou um acervo arquitetônico de casarios, sobrados e igrejas que somam mais de 600 edificações no perímetro tombado pelo IPHAN (FERNANDES; OLIVEIRA, 2012). Podemos incluir nesse legado cachoeirano suas festas populares, verdadeiros patrimônios imateriais que celebram suas memórias, religiosidades e tradições. Era de se esperar que, na busca por alternativas de desenvolvimento que superassem a estagnação econômica que se arrastou até o final dos anos 1990, Cachoeira viesse a promover e valorizar seu patrimônio histórico-cultural como atrativo turístico (QUEIROZ, 2019).

No Recôncavo, Cachoeira foi pioneira na promoção de festas como forma de atrair turistas, movimentar a economia local e firmar sua imagem como cidade histórica e de tradição festiva. O tombamento da cidade em 1971 assegurou a base para a interiorização do turismo promovido pelo governo estadual, ainda na década de 1970⁴. De fato, no início dos anos 1970, a Bahiatursa⁵ incumbia-se da realização da festa junina de Cachoeira, fomentando a turistificação do evento (CASTRO, 2009). Mas a efêmera temporalidade dessa ação, que não foi acompanhada dos investimentos necessários em infraestrutura e qualificação de mão-de-obra, teve desdobramentos limitados na economia local. Mesmo assim a promoção de eventos festivos era certamente uma opção de atratividade turística e consequente dinamização econômica a ser, no mínimo, considerada, sobretudo, pelo aporte técnico e financeiro do governo estadual (Bahiatursa) em sua política de fomento e interiorização do turismo com base (também) na promoção de eventos.

Até o início do séc. XXI, Cachoeira ainda buscava dinamizar a economia local com ações limitadas pela escassez de recursos financeiros. Com o Programa Monumenta⁶, no início dos anos 2000, os investimentos

⁴ Cachoeira foi convertida em Monumento Nacional pelo Decreto nº 68.045, de 13 de janeiro de 1971.

⁵ A Bahiatursa era uma empresa de economia mista que, em 2015, foi incorporada à Secretaria de Turismo da Bahia, tornando-se a Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia.

⁶ O Monumenta é um programa estratégico que, de acordo com o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), busca conciliar recuperação e preservação do patrimônio histórico-cultural com o desenvolvimento socioeconômico em cidades históricas. Sua implementação em Cachoeira, a partir de 2002, resultou em investimentos

com fins de recuperação e preservação dos casarios, igrejas e monumentos potencializou a atratividade desse patrimônio. Por outro lado, a implantação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em 2005, teria desdobramentos comerciais e imobiliários significativos para a economia de Cachoeira, em termos de ampliação e diversificação do consumo de bens e serviços (FARIAS, 2018; SILVA e SILVA, 2019). Eis o contexto em que se situa a opção cachoeirana pelo turismo cultural, com base na promoção de eventos festivos, como estratégia de dinamização social e econômica. Essa é uma concepção recorrente de turismo cultural, como conjunto de atividades turísticas que se voltam à experimentação e vivência do patrimônio histórico e cultural, bem como dos eventos culturais, fundadas na promoção e valorização dos bens materiais e imateriais da cultura (BRASIL, 2006).

Ao abordar a evolução do turismo cultural em Cachoeira e, especificamente, os efeitos socioeconômicos das festas, deve se considerar sua complexidade, a começar pela dificuldade em obter dados consolidados e atualizados ao nível municipal. A pretensão a seguir é ir além de uma aproximação panorâmica e, a partir de dados da produção e arrecadação municipais, de indicadores de performances econômica e social e desenvolvimento humano, mostrar a importância do turismo cultural com base na promoção de eventos festivos nas transformações socioeconômicas recentes de Cachoeira.

Dados do IBGE mostram que o produto interno bruto de Cachoeira aumentou cerca de 8,5 vezes (ou 756%), de 2000 a 2016 (tabela 1, gráfico 1). A visualização gráfica mostra uma elevação mais significativa dos valores produzidos na indústria e nos serviços, a partir de 2012. A importante participação da atividade industrial no PIB cachoeirano tem a ver com a Mastrotto Reichert S/A, uma grande indústria de beneficiamento de couro, em um contexto municipal de poucas unidades fabris de produtos diversos, como charuto, laticínios e licores.

de R\$ 36,9 milhões em obras de recuperação e restauração de imóveis públicos e privados, como também na qualificação de pessoas e promoção de atividades educativas relacionadas à cultura e ao turismo. (FARIAS, 2018)

Ano	Produto interno Bruto Municipal			
	Total	Agropecuária	Indústria	Serviços
2000	61.492	13.186	6.952	34.054
2002	96.798	13.183	25.916	50.089
2004	122.449	13.174	36.360	60.350
2006	156.016	11.817	52.612	80.162
2008	181.165	14.234	50.843	103.076
2010	218.593	15.683	62.273	124.600
2012	265.347	15.294	72.025	152.769
2014	429.673	30.854	142.620	227.436
2016	526.800	39.518	183.812	270.115

Tabela 1 – Cachoeira-BA, PIB total e setorial, de 2000 a 2016, exclui arrecadação fiscal (R\$ x1000). Fonte: IBGE, cidades.

301

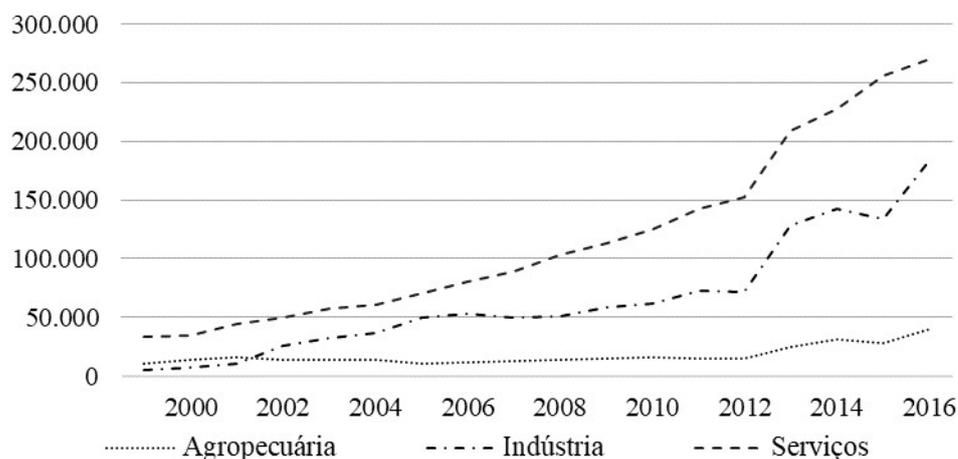


Gráfico 1 – Cachoeira-BA, PIB total e setorial, de 2000 a 2016, exclui arrecadação fiscal (R\$ x1000). Fonte: IBGE, Cidades.

É o setor de serviços que responde pela maior participação no PIB municipal, cerca de 51% do valor produzido em 2016. O setor contempla atividades como comércio em geral, mercado imobiliário, educação, artes, cultura e outros tipos de serviços (IBGE, 2015; 2016). Entendemos que, no crescimento do PIB/Serviços, a partir de 2005, o turismo cultural teve significativa participação nesses números, pois é sobretudo a partir de meados dos anos 2000 que se observa, em Cachoeira, uma estratégia político-econômica mais contundente de investimentos na promoção de eventos festivos como forma de atrair turistas à visitação e consumo. Outro dado que expressa essa evolução é o aumento ainda mais significativo da arrecadação municipal, cerca de 1000%, de 2000 a 2016, o que indica a

elevação da capacidade de investimentos do poder público local (tabela 2, gráfico 2).

Ano	Arrecadação de Impostos
2000	3.300
2002	9.184
2004	12.565
2006	11.425
2008	13.012
2010	16.037
2012	25.258
2014	28.763
2016	33.355

Tabela 2 – Cachoeira-BA, arrecadação de impostos, de 2000 a 2016 (R\$ x1000). Fonte: IBGE, Cidades.

302

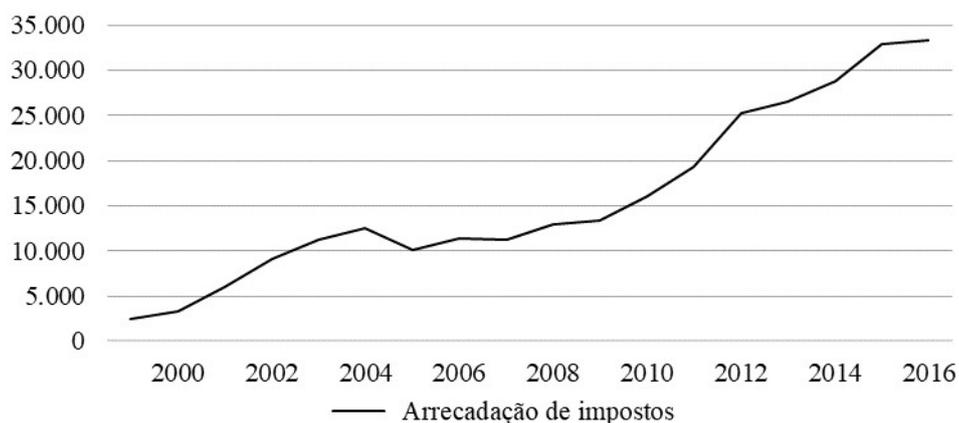


Gráfico 2 – Cachoeira-BA - Arrecadação de impostos (R\$ x 1000). Fonte: IBGE, Cidades.

A maior capacidade local de investimentos por parte do poder público municipal pode ser confirmada na observação dos dois subíndices mais significativos da performance econômica de Cachoeira. De 2002 a 2010, os avanços nos subíndices infraestrutura e independência fiscal situaram Cachoeira na 46ª posição em um total de 417 municípios baianos, quanto ao Índice de Performance Econômica (IPE), em 2010. Ressaltamos que, em sua concepção e composição, o IPE avalia a capacidade dos municípios em atender as necessidades de serviços básicos da população,

considerando a disponibilidade de recursos e os efeitos de sua aplicação em melhorias na realidade social e econômica (BAHIA, 2014)⁷.

Podemos deduzir que a performance econômica cachoeirana correspondeu tanto à maior disponibilidade de recursos para a administração municipal e seu emprego, por exemplo, na melhoria das infraestruturas, como também à maior independência fiscal em relação aos recursos externos. Ou seja, o processo de recuperação econômica da cidade se sustentou na maior proporção de recursos próprios em relação aos repasses do Estado e da união.

Os efeitos sociais dessa evolução econômica recente de Cachoeira também podem ser dimensionáveis a partir de indicadores que expressam ascensão qualitativa nas condições de vida local. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Cachoeira aumentou mais de 60% de 1991 a 2010, com a contribuição de todos os componentes, renda, longevidade e educação (tabela 4). Mesmo que essa evolução do IDH tenha base em recursos externos (federais e estaduais), investidos principalmente em saúde, educação e infraestruturas, há que se considerar a capacidade local de captação e implementação dos recursos por meio de projetos e contrapartidas. Nesse sentido, a melhoria do IDHM se apoiou, também, em permeabilidades políticas e administrativas que permitem entrever ações e recursos locais que, em Cachoeira, há pelo menos duas décadas, são empreendidos no desenvolvimento socioeconômico local.

Podemos presumir que os avanços relacionados à elevação do IDHM se traduzem em maior acesso da população, em especial dos menos favorecidos economicamente, aos serviços públicos de educação e saúde, aos benefícios sociais e ao mercado de trabalho. Ao menos, esse é o sentido do desenvolvimento humano, a ampliação das opções de escolha⁸. A melhoria das condições de vida em Cachoeira pode também ser visualizada no Índice de Performance Social (IPS) e suas variáveis constituintes:

⁷ De acordo com a metodologia de cálculo tanto do IPE como do IPS (Índice de Performance Social), que será tratado mais adiante, a adoção da média em 5000 estabelece uma amplitude de escala que permite a diferenciação entre os municípios e evita a superposição dos índices que ocorreria com o uso de uma escala de menor amplitude. (BAHIA, 2014)

⁸ De acordo com PNUD-Brasil. *O que é desenvolvimento humano?* Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-desenvolvimento-humano.html>. Acesso em: 13 set. 2020.

serviços básicos, nível de educação, nível de saúde e mercado de trabalho. O IPS de Cachoeira se manteve próximo a 5100 (acima desse valor somente 18 municípios baianos), sobretudo em virtude da ampliação do nível de educação e dos serviços básicos. Conceitualmente, a performance social ratifica a evolução do IPE e do IDHM, quanto à utilização de recursos públicos no atendimento às necessidades básicas da população e redução das desigualdades sociais e econômicas (BAHIA, 2014).

Ainda que o IPE e o IPS não indiquem, diretamente, desenvolvimento econômico ou social, é patente um novo dinamismo socioeconômico em Cachoeira. Há outros avanços evidentes, como a redução da concentração de renda (índice de Gini, de 0,64, em 1991, a 0,56 em 2010), ainda que as pessoas consideradas pobres (renda domiciliar per capita inferior a R\$140,00) continue significativa (33,8% do total), como também a de analfabetos (cerca de 20% das pessoas com 25 ou mais anos de idade), de acordo com o PNUD.⁹

Sem dúvida, esse panorama de avanços qualitativos e quantitativos do município de Cachoeira possui uma narrativa de investimento do poder público, uma consciência do potencial da cidade e conhecimento das estratégias de *marketing*. Esse cenário de avanços, tão marcado por números, tem como um de seus pilares os investimentos do poder público municipal no turismo cultural, com base na promoção de eventos festivos, como meio de realizar seu reconhecido patrimônio histórico-artístico-cultural. Entre comemorações cívicas, celebrações religiosas e outros eventos, o turismo cultural tem revigorado a cidade de Cachoeira, gera renda e trabalho de forma significativa, alicerça sua economia, ganha espaço político-administrativo e projeta o discurso de “cidade heroica” como também de cidade festiva.

2. A economia festiva de Cachoeira

Primeiramente, cabe esclarecer o que entendemos por festa. Para Perez (2011), a conceituação de festa reluta e desliza em correlações com o “divertimento (alegria)”, o “ritual” e o “espetáculo”. Na abordagem que

⁹ Todos os dados deste parágrafo estão de acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, perfil de Cachoeira-BA. (PNUD, 2013)

empreendemos, com base na referida autora, a perspectiva é de olhar a festa como questão aberta, que escapa a qualquer resposta prévia. A festa, mesmo em constante refazer, é reunião, interação, troca e comunhão. Nas palavras de Perez (2011, p. 27), “A festa é uma celebração do elo; ‘renova os pactos, rejuvenesce as uniões’, precisamente, é o próprio elo em ação. É o tempo/espço de múltiplas trocas, de rivalidades, de prestígio. É exuberância de vida e vigor fecundante, e reforça a comunhão.”

O pensamento da festa, seja como uso da cidade (LEFEBVRE, 2008), seja como fazer a cidade em suas articulações e possibilidades (PEREZ, 2011), nos leva a Cachoeira, mais do que a qualquer outra cidade do Recôncavo da Bahia. Assim, a evolução do calendário festivo dos últimos vinte anos mostra que a cidade de Cachoeira tem (re)inventado e investido em suas festas, como meio de alcançar maior atratividade turística. Nesse sentido, tem-se buscado firmar o que Castro (2012, p. 90) chama de “imagem-síntese”, no caso de Cachoeira, de cidade festiva, lugar de festas tradicionais. Em um material publicitário distribuído pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Cachoeira (SECULT), pode-se ler:

305

A Cidade Heroica e Monumento Nacional tem na sua arquitetura, sua história e tradições o fascínio que encanta visitantes de todo o mundo. [...] Cachoeira preserva o acervo barroco da sua arte sacra e o legado ancestral do povo de santo com seus famosos Terreiros de Candomblé. [...] Nas festas, a alegria está presente nas ruas, ladeiras e praças históricas.¹⁰

Ou ainda, como disse o então presidente do Conselho Municipal de Turismo, em 2016: “Cachoeira é uma cidade ímpar, pois, além de ser um polo cultural, tem sabido desenvolver o seu potencial turístico com grandes eventos, como o São João, a FLICA e a Festa D’Ajuda”.¹¹ Essas narrativas reforçam a imagem da cidade e os elementos que constituem os pilares de sua recuperação econômica: cultura, turismo e festas. Valorizar o lugar, celebrar suas singularidades e sua história, reforçar a conexão entre sagrado

¹⁰ Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Cachoeira-BA. Folder produzido por Artemapas, [s.d.].

¹¹ Entrevista concedida por Daniel Santana, então presidente do COMTUR/Cachoeira, em 2016, ao Guia do Turismo Brasil. Disponível em: <<https://www.guiadoturismobrasil.com/noticia/645/festival-gastronomico-movimenta-cachoeira-ba-ate-sabado>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

e profano, incentivar experiências de interação, mobilizar uma narrativa de sucesso: eis as festas para além de seus efeitos econômicos em Cachoeira, retomando memórias ancestrais, produzindo e/ou reafirmando representações identitárias étnicas e territoriais. Não obstante, aqui nos interessa a economia festiva de Cachoeira ou o quanto as festas representam social e economicamente.

Das 42 festas do calendário cultural cachoeirano, 14 são realizadas na área rural, especialmente, em comunidades quilombolas (TAVARES et al, 2019). Na área urbana (sede e distritos), são mais 28 eventos festivos, entre os quais os de maior impacto econômico: os festejos juninos (Esperando São João e São João Feira do Porto) e a Festa Literária Internacional de Cachoeira (quadro 1).

O turismo cultural em Cachoeira abrange, além da sede, distritos, povoados e territórios quilombolas. A articulação, a partir da cidade, é exercida pela Prefeitura, via Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT). É importante destacar que as festas cachoeiranas implicam uma diversidade de comerciantes e pequenos(as) produtores(as) de Cachoeira e municípios circunvizinhos, atraindo público para além do Recôncavo da Bahia. Assim, nas festas de maior público, realizadas no espaço urbano cachoeirano, observamos cada vez mais a presença da economia criativa, da agricultura familiar e do comércio de artesanatos.

306

MÊS	EVENTO FESTIVO
Janeiro	<ul style="list-style-type: none"> • Terno de Reis Esperança da Paz – Parte do Rosarinho e segue pelas ruas da cidade.
Fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> • Festa de Iemanjá – Organizada pelos terreiros de Candomblé e Prefeitura Municipal. Além da tradicional ritualística das oferendas à Iemanjá realizada no porto, ocorrem as apresentações e shows musicais. É a segunda maior celebração à Iemanjá da Bahia.
Março	<ul style="list-style-type: none"> • Aniversário de Cachoeira – Celebra sua elevação à categoria de cidade em 13/03/1837.
Abril	<ul style="list-style-type: none"> • Semana Santa – Realizada na Igreja da Matriz e Ordem Terceira do Carmo. • Recôncavo Jazz Festival – Teve 3 edições: Cachoeira, 2012 e 2017; Muritiba, 2015. • Reconverso: Festival de Vídeos e Projeções Mapeadas da América Latina - Realizado em vários espaços da cidade, teve edições de 2013 a 2017.
Maiο	<ul style="list-style-type: none"> • Paisagem Sonora: Mostra Internacional de Arte Eletrônica do Recôncavo da Bahia, teve edições em 2013, 2015 e 2017. • Festa do Divino, na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário e cortejo pela cidade.

MÊS	EVENTO FESTIVO
Junho	<ul style="list-style-type: none"> • Esperando São João – Antecede a Festa de São João Feira do Porto, desde 2005. • Corpus Christi – Realizado na Igreja Matriz. • Trezena de Santo Antônio – Realizado no Distrito de Capoeiruçu. • São João Feira do Porto – O maior evento festivo de Cachoeira. • 25 de Junho: Independência da Bahia – Nesse dia Cachoeira se torna capital da Bahia, em reconhecimento ao seu protagonismo nas lutas pela independência.
Julho	<ul style="list-style-type: none"> • Festa de Nossa Senhora do Carmo – Realizada na Igreja da Ordem Terceira do Carmo.
Agosto	<ul style="list-style-type: none"> • Festa da Nossa Senhora da Boa Morte – Realizada, pelo menos desde 1820, pela Irmandade da Boa Morte, uma confraria criada no início do séc. XIX.
Setembro	<ul style="list-style-type: none"> • Cachoeira Doc: Festival de Documentários de Cachoeira – Programação de debates, palestras, oficinas e mostras cinematográficas. Teve 8 edições de 2010 a 2017. • Festa de Nossa Senhora do Amparo – Realizada na Igreja do Monte. • Festa de Cosme e Damião – Realizada na Igreja Nossa Senhora dos Remédios e Igreja São Cosme e Damião. • Caruru dos 7 Poetas: Recital com gostinho de dendê – Constitui-se de manifestações literárias e religiosas de matriz africana. Teve edições anuais de 2004 a 2018.
Outubro	<ul style="list-style-type: none"> • Festa do Orago: N. Sra. do Rosário – Padroeira de Cachoeira, na Igreja da Matriz. • Festival Origens - Reúne empresários do ramo do tabaco e apreciadores de charutos de diferentes partes do Brasil, com três edições realizadas: 2017, 2018 e 2019. • Festa Literária Internacional de Cachoeira (FLICA) – Realizada desde 2011.
Novembro	<ul style="list-style-type: none"> • Festa de Nossa Senhora da Ajuda – Considerada o “carnaval” de Cachoeira, realizada, pelo menos, desde 1872. • Festa de Santa Cecília – Realizada na igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte. • Semana Nacional da Consciência Negra – Realizada no Cine Theatro Cachoeirano.
Dezembro	<ul style="list-style-type: none"> • Festa de Santa Bárbara – Realizada na Igreja da Misericórdia. • Festa de Nossa Senhora da Conceição do Monte – Realizada na igreja de mesmo nome.

Quadro 1 – Panorama de eventos festivos da cidade de Cachoeira-BA. Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Cachoeira-BA e Tavares et al (2019).

A opção cachoeirana pelas festas como atrações turísticas pode ser dimensionada quando observamos os eventos festivos que se acrescentaram à agenda cultural de Cachoeira, a partir de 2004 (tabela 3). Dos 11 eventos relacionados, 5 estão ativos e os demais foram interrompidos, basicamente, pela insuficiência ou falta de recursos financeiros à sua realização. Entre os ativos estão os eventos que têm se sustentado apesar da crise financeira a partir de 2014, da qual resultam fortes limitações nas despesas correntes

essenciais e na capacidade de investimentos e apoios promocionais no Estado da Bahia e de modo geral em todo o país.¹²

Festa	Surgimento	Última edição	Status
Caruru dos 7 Poetas	2004	2018	Interrompida
Esperando São João	2005	2019	Ativa
Festa da Ostra	2009	2019	Ativa
Cachoeira Doc	2010	2017	Interrompida
FLICA	2011	2019	Ativa
Recôncavo Jazz	2012	2017	Interrompida
Reconvexo	2013	2017	Interrompida
Paisagem Sonora	2013	2013	Interrompida
Festival Origens	2017	2019	Ativa
Festival Gastronômico Samba e Sabores	2016	2016	Interrompida
Festival do Licor de Cachoeira	2018	2019	Ativa

Tabela 3 – Novas festas no calendário do município de Cachoeira. Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Cachoeira-BA; Tavares *et al* (2019); observação participante.

Na impossibilidade de considerar os efeitos socioeconômicos de todas as festas, dada a falta de dados mais abrangentes, trataremos dos dois principais eventos de Cachoeira, no que se refere aos efeitos socioeconômicos: o São João e a Festa Literária Internacional de Cachoeira.

308

3. A festa de São João de Cachoeira

O São João é considerado o principal evento festivo de Cachoeira e perfaz dois eventos consecutivos e organicamente ligados: o Esperando São João e o São João Feira do Porto. Os festejos juninos têm projeção econômica significativa não só em Cachoeira, como também na maioria dos municípios do interior da Bahia e da região Nordeste, por movimentar recursos financeiros em proporções que impactam substancial e positivamente a economia local.

Em Cachoeira, esperar o São João é projeto festivo da gestão pública municipal desde 2005. Com o objetivo declarado de preparar a cidade para o tradicional São João Feira do Porto, o “Esperando São João” não apenas

¹² No panorama da situação fiscal das unidades da federação, segundo estudo divulgado em 2018, a Bahia teve classificação “muito fraca”, evidenciando maior dificuldade com as contas públicas, mais ainda com sua capacidade de investimentos. (Brasil Econômico. Só seis estados brasileiros começarão 2019 com boa situação nas contas. Disponível em: <<https://economia.ig.com.br/2018-12-14/contas-publicas-estados.html>>. Acesso em: 30 mar. 2020.)

antecipa, como também estende os festejos juninos por, praticamente, todo o mês de junho. Nesse sentido, o esse evento é bem sucedido tanto em sua dimensão estritamente econômica, quanto social e política. Do ponto de vista econômico, ao alterar o espaço-tempo do São João, o referido projeto festivo amplia e fortalece o escopo comercial de bens e serviços, a geração de postos de trabalho remunerado ou ainda a oportunidade de renda para uma diversidade de vendedores(as) ambulantes. Do ponto de vista social e político, ao privilegiar a contratação de artistas locais e regionais, das bandas de forró e abrir mais espaços à apresentação das quadrilhas, em estruturas simples e mais próximas do público, o evento atende, em alguma medida, à expectativa, principalmente dos segmentos da população com mais idade, em preservar o caráter pitoresco, “caipira” e familiar do São João.

Sem dúvida, o São João Feira do Porto de Cachoeira¹³ é uma festa cada vez mais espetacularizada, em um contexto de crescente concorrência por público com outras festas juninas da região. Alguns elementos observados em Cachoeira evidenciam a espetacularização dessa festa, tais como a mercantilização da cultura, a projeção midiática para além do local ou regional e a grande concentração de público no espaço urbano (CASTRO, 2012). De fato, a programação do São João Feira do Porto, em vista de uma maior atratividade de público, tem investido na contratação de artistas e shows midiáticos que, em geral, não são associados à história ou à identidade da festa. Nesse contexto, ainda que a maior parte da população cachoeirana esteja abaixo dos 40 anos de idade (cerca de 70% do total, em 2010), as pessoas com 50 anos ou mais (cerca de 20% do total), que vivenciaram na juventude o São João Feira do Porto, ressentem as mudanças e pressionam por um “retorno às raízes” da festa.

Em uma avaliação dos(as) moradores(as) de Cachoeira quanto às mudanças do São João, Almeida e Reis (2013) mostram que 46% dos(as) entrevistados(as) as julgaram como negativas, 28% foram indiferentes e 26% consideram-nas positivas. As festas mudam, a população e a cidade

¹³ Este é o nome oficial da festa. A feira do porto era um evento de comercialização de produtos que chegavam a Cachoeira pelo rio Paraguaçu no séc. XIX. Atualmente, a feira do porto é constituída por dezenas de barracas de bebidas, comidas e artesanatos, entre outros produtos, ao longo da orla fluvial.

também, de modo que tais julgamentos devem ser relativizados em função de variáveis subjetivas, como os interesses e as motivações pela festa e pelo lugar.

Em Cachoeira, os festejos juninos ampliam o espaço de projeção e fortalecimento de setores proeminentes da economia local, como a fabricação de licores, uma atividade centenária em Cachoeira. Produzido artesanalmente, os licores cachoeiranos já alçaram reconhecimento nacional por sua qualidade e variedade. Claramente, o propósito do Festival do Licor de Cachoeira, realizado durante o São João, em 2018 e 2019, não só buscou promover uma típica bebida junina como também, e sobretudo, aumentar a visibilidade do setor e elevar o seu consumo para além da própria festa, no intuito de reduzir a sazonalidade desse mercado.

Mesmo sem a clareza numérica das quantidades e valores, não é difícil presumir o peso considerável dos festejos juninos para a economia e sociedade cachoeiranas. Todavia, vejamos alguns números, a partir do estudo realizado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), entre 2011 e 2013 (BAHIA, 2013).

310

O referido estudo classifica Cachoeira como destino turístico consolidado, com fluxo regular de visitantes ao longo do ano. Em 2011, no período junino, 96% dos(as) turistas visitaram Cachoeira para participar da festa e rever familiares, considerando sua configuração de festa mais tradicional realizada em praça pública. Eis porque, em sua maior parte (80,8%), esses(as) turistas se hospedaram em casa de parentes e amigos(as), ao passo que 9,3% alugaram imóveis e apenas 7,9% demandaram a pequena rede hoteleira cachoeirana. Tem-se ainda que cada turista junino de Cachoeira, em média, permaneceu 3,9 pernoites e gastou cerca de R\$ 340,00. E não poderiam ter feito muito mais que isso, considerando uma renda média individual mensal, informada por esses(as) turistas, de 2,8 salários-mínimos (BAHIA, 2013).

O estudo mostra ainda que, em 2013, em média, 20% dos(as) empresários(as) de Cachoeira tiveram um acréscimo entre 31% e 50% em seu faturamento com a festa e que cerca de 30% tiveram faturamento acrescido em mais de 100%. No conjunto, para cerca de 90% dos(as) empresários(as) entrevistados(as) nos municípios pesquisados (entre os

quais, Cachoeira), a festa favorece o faturamento de suas empresas. O peso econômico do São João foi considerado significativo em municípios, como Cachoeira, de pequeno porte, economia pouco diversificada, com cultura e turismo como “vetores” ancorados no patrimônio histórico-cultural e nos quais a festa de São João é promovida pela prefeitura municipal. A estimativa é que o investimento na realização da festa, em 2013, foi da ordem de R\$ 1,5 milhão por município, com base em recursos próprios e patrocínios público e privado (BAHIA, 2013).

Quanto aos retornos da festa, difícil estimar um montante com precisão, sobretudo, porque há desdobramentos em termos de oportunidades para a população, como no caso dos vendedores(as) ambulantes ou das pessoas que alugam suas casas ou mesmo partes delas para os(as) turistas, sobre os quais não se têm qualquer controle. Todavia, consideremos a estimativa de 30.000 visitantes no São João de Cachoeira e o gasto médio de cerca de R\$ 340,00, ambos os dados de acordo com o referido estudo. Ainda que apliquemos uma redução de 30% na estimativa de visitantes, a título de aferição, pode se estimar que o retorno financeiro da festa (ou seja, todo o faturamento com alimentos e bebidas, hospedagens, produtos artesanais, gêneros diversos de bens de consumo e serviços adquiridos em estabelecimentos comerciais de Cachoeira), em 2011, tenha ficado acima dos R\$ 7 milhões. Podemos presumir que esse montante, ainda que significativo para uma única festa, tem chances razoáveis de estar aquém do valor efetivamente deixado pelos(as) visitantes em Cachoeira no São João daquele ano.

Para uma melhor ideia do quanto representam os festejos juninos para Cachoeira há que se considerar também a empregabilidade temporária em bares e restaurantes e a legião de vendedores(as) fixos(as) (barracas) e ambulantes. A pesquisa realizada pela SEI mostra que, em 2013, quase 70% das empresas com até 3 funcionários(as) permanentes contrataram trabalhadores(as) temporários(as). Essa modalidade de contratação é visível nos bares de Cachoeira localizados nos espaços das festas, que se incrementa significativamente durante o período junino. A referida pesquisa adota a designação de “atores informais” e mostra que, para o grupo de municípios em que se insere Cachoeira, cerca de 85% desses(as)

trabalhadores(as) atuaram no comércio ambulante, sobretudo na venda de alimentos. O estudo afirma ainda que, com a festa de São João daquele ano (2013), 40,9% desses(as) trabalhadores(as) obtiveram retorno financeiro de até R\$ 650,00; 28,8%, entre R\$ 651,00 e R\$ 1.000,00; e 21,2%, entre R\$ 1.001,00 e R\$ 1.500,00 (BAHIA, 2013).

Esse quadro sugere, fortemente, que muitos cachoeiranos e cachoeiranas dependam das festas para a subsistência própria/familiar ao longo do ano. Tal apontamento se sustenta quando consideramos os dados de incidência da pobreza no município. De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, em 2010, as pessoas consideradas pobres em Cachoeira (renda familiar per capita inferior a R\$ 140,00) representavam cerca de 34% da população (PNUD, 2013). Mesmo considerando que, de acordo com o IBGE, o PIB per capita de Cachoeira tenha praticamente dobrado de 2010 a 2016 (o que indica uma evolução positiva da renda per capita), é razoável supor que a incidência da pobreza no município seja ainda significativa¹⁴.

312

4. A Festa Literária Internacional de Cachoeira (FLICA)

As feiras literárias no Brasil possuem, segundo Sousa (2019), uma longa e antiga trajetória. Mas é a partir da segunda metade do século XXI que elas ganham corpo e linhas mercadológicas e se expandem por grandes e pequenas cidades. Nesse contorno, a palavra feira, que remete à feira agroindustrial e/ou feira livre é, em alguns eventos, substituída por um termo mais atrativo, do ponto de vista do *marketing*: festa ou festival. Contudo, a essência da feira perdura na constituição dessa festa: a venda de livros, a aglomeração e o ego de apresentar o melhor, o mais palatável e colorido produto. Inspiradas e contagiadas pela expressiva movimentação econômica da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), e com o sonho de serem uma prima distante das Bienais Internacionais do Livro do Rio de Janeiro e de São Paulo, as festas literárias avançaram pelas cidades do interior do Brasil. Para Luís Nassif (2012), em seu artigo publicado no *GGN - Jornal de todos os brasis* (no caderno *Cultura*),

¹⁴ IBGE, Cidades, <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/cachoeira.html>.

O cenário das feiras e festas literárias no Brasil vem tomando corpo e gerando impactos de longo prazo na cultura e na economia do livro. Nesta semana [24/04/2012], o Ministério da Cultura anunciou apoio de quase R\$ 8 milhões a 67 dos 200 eventos que formarão o Circuito Nacional de Feiras do Livro em 2012. No ano passado, havia apenas 75 cadastrados. A política será gerida pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e integra o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), que investirá mais de R\$ 373 milhões em 40 projetos até o fim do ano.

Ou seja, eram, em 2012, mais de 200 eventos ligados ao universo literário com a venda de livros e diálogos com os/as autores/as. Hoje, em 2020, podemos supor que os números aumentaram significativamente. Os dados de 2011 apontam para um forte potencial de crescimento das feiras e festas literárias no Brasil. As estimativas de crescimento, na época, ainda conforme o artigo, eram colocadas pelo presidente da FBN, Galeno Amorim, na esteira dos 20% em um ano. O avanço das festas, feiras, salões, bienais no cenário da literatura marca um segmento que entra no jogo delineado pela forte presença midiática e do *marketing*.

313

As festas literárias não se restringem apenas à venda de livros ou à divulgação de autores e autoras. Elas também movimentam a economia e a cultura de uma cidade. Nesse caminho, que percorre muitas nuances, dilemas e complexidades, as feiras (ou festas) literárias possuem diretrizes diferentes das feiras de livros. É importante observar esse comportamento pois é ele que desenha e se aproxima da ideia de festa que colocamos nesse texto. Para Sousa (2019), as feiras de livros evidenciam um interesse maior no comércio de venda dos livros, o que movimenta muito mais o segmento das editoras. Contudo, para a pesquisadora, as feiras/festas literárias percorrem outros trajetos dentro do próprio evento. Nelas é possível acompanhar performances artísticas, shows, discussões com os/as autores/as e pesquisadores/as do universo literário, palestras com especialistas, cursos e oficinas, mesas em que se discute variados gêneros da literatura, momentos de “tietagem” e autógrafos. Todos esses caminhos, dentro do evento, extrapolam a venda de livros “e ganham ares de um evento cultural, não meramente voltado para o marketing do livro e do autor, mas

caracterizado pelo ideal de festa, festejo, confraternização, encontro” (SOUSA, 2019, p. 11).

Com o intuito de aproximar a população do interior da Bahia com renomados(as) escritores(as) e pensadores(as) da literatura nacional e internacional, a FLICA, promovida pela produtora CALI – Cachoeira Literária, em parceria com a prefeitura municipal, tornou-se a mais rentável das festas de Cachoeira. De modo geral, há todo um cenário de desenvolvimento social através da leitura que embasa os propósitos do evento. A FLICA se coloca como forte articuladora das escolas, principalmente públicas do Estado e municípios, com a cultura e a leitura; como promotora de experiências e diálogos do público com escritores(as), blogueiros(as), pesquisadores(as) locais, nacionais e internacionais; como impulsionadora das mais diversas atividades culturais; e, claro, como espaço proativo na formação de leitores(as).

Como mobilizadora de empregos diretos e indiretos em Cachoeira e municípios próximos, em uma parceria com a Secretaria de Turismo da Bahia (SETUR), em 2019, foram realizadas diversas ações de capacitação e melhoria no atendimento aos(às) turistas que participaram da FLICA. Cerca de 55 profissionais fizeram cursos e assistiram palestras sobre noções básicas de turismo, manejo de alimentos e bebidas, e como melhorar a qualidade do atendimento ao(à) turista, principalmente na modalidade virtual. A preocupação com essa vitrine da festa e da cidade fez com que durante a FLICA, a SETUR oferecesse aos(às) participantes visitas guiadas e gratuitas aos principais pontos históricos de Cachoeira.¹⁵

Em termos de movimentação de público, conforme o site oficial do evento, em 2012 (sua 2ª edição), a FLICA registrou cerca de 20 mil pessoas circulando pela cidade de Cachoeira e cerca de 5 mil transitando entre as palestras principais. Já em 2013, a produção do evento informou que mais de 30 mil pessoas, entre cachoeiranos(as) e turistas, acompanharam de perto as diversas atividades da FLICA. No mesmo ano (2013), os organizadores

¹⁵ Informações da SETUR, disponíveis em: <<https://portalturismototal.com.br/index.php/2019/10/18/visitas-guiadas-gratuitas-apresentarao-historia-de-cachoeira-a-participantes-da-flica-ba/>>. Acesso em 22/09/2020.

introduziram a “Fliquinha”, com uma programação específica para a literatura infantil.

As festas literárias na Bahia ganham volume e chegam em outros estados. Em 2013, o repórter Davi Boaventura, para o Jornal da Biblioteca pública do Paraná, faz um balanço sobre as festas literárias, o mercado de venda de livros e os espaços realmente dedicados à literatura, principalmente a soteropolitana. No título da sua reportagem, “Bahia de poucos santos – Sob a sombra de Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro, escritores soteropolitanos persistem em busca de novas temáticas e de espaço em um mercado limitado”, Boaventura (2013) analisa o cenário da literatura baiana e confronta estereótipos cristalizados, costurando sua fala com o espaço das festas literárias, incluindo já a FLICA.

Em 2018, na sua 8ª edição, acumulando um crescente no número de participantes, a CALI fez um balanço do evento e divulgou uma movimentação de aproximadamente 35 mil pessoas pelas ruas de Cachoeira durante a festa. Economicamente, a FLICA tem se mostrado um evento de alta performance econômica.

315

Além de ter reafirmado a região como polo cultural, a festa literária gerou empregos temporários e movimentou a economia, com uma injeção de mais de R\$ 3 milhões. “Cachoeira respirou a festa. Primeiro, porque é um evento cultural. Segundo, porque há muita geração de renda. É um evento que, sem dúvidas, merece nossa atenção. Investimos R\$ 100 mil e isso retornou mais de trinta vezes para a população”, revelou o prefeito da cidade, Tato Pereira.¹⁶

A 8ª edição da FLICA realmente se ergueu como um momento de guinada. Em uma análise sobre a Economia criativa, Lopes (2018) afirma que a FLICA possui um elevado potencial de mercado e estimula a economia nos vários setores implicados pela festa (hotelaria, alimentos e bebidas, serviços, etc.), em Cachoeira. Na reportagem, o depoimento de um empresário do ramo de hospedagem de Cachoeira, mostra o quanto o evento é lucrativo para o segmento, ao afirmar que, após o lançamento da FLICA,

¹⁶ Todas as informações sobre o número de público e as citações usadas nesse tema foram retiradas do site oficial do evento. Disponível em: <<https://www.flica.com.br/a-festa/>>. Acesso em 22/09/2020.

bastam 15 dias para as reservas esgotarem a capacidade de sua pousada. Para o empresário, a festa de maior faturamento e a mais esperada é, em primeiro lugar, a FLICA (LOPES, 2018).

O ano de 2018 foi tão intenso para a FLICA que o *Jornal Nacional*, em horário nobre, abriu espaço em sua programação para divulgar o evento com o título “Fãs da literatura e autores se reúnem em festa literária na Bahia – Milhares de fãs da literatura e autores de várias partes do mundo estão reunidos até domingo (14) na FLICA, a Festa Literária de Cachoeira, na Bahia”¹⁷. Nesse ano, o alcance da divulgação do evento foi muito expressivo. Em uma rápida busca pela internet, é possível observar *sites* e *blogs* na área do Turismo e da Cultura (*Publishnew, Editora Livre, Blog da Companhia, Geledés, Jornal do Dia*), recomendando a FLICA e um tempo de experiência patrimonial em Cachoeira.

A FLICA de 2019 também registrou um público significativo. Segundo os organizadores do evento, a 9ª edição da festa atraiu cerca de 35 mil turistas à cidade de Cachoeira. Diferente dos discursos das outras edições, o *site* informa que são turistas, o que sugere que nessa conta não se soma o público cachoeirano. Atrás de inovação, a FLICA explora e divulga em seu evento de 2019 outro segmento que cresce no cenário literário do Brasil, a literatura com mais foco nos(as) jovens, e lança a “Geração Flica”. Essa versão trouxe blogueiros(as) renomados(as) para atrair a comunidade juvenil ao jogo mercadológico do consumo de livros e acessórios.¹⁸

5. Ausência das festas, tempo e espaço amortecidos

A pandemia, como se sabe e se sente, alterou paradigmas, contextos e cenários. Desnorteados e perdidos num mar de incertezas, vários setores que alimentam a economia se viram diante de escolhas difíceis e que envolviam cadeias complexas de produtividade. Mas não só. Falando especificamente das festas juninas, o prejuízo do cancelamento em 2020 para os estados e municípios do Nordeste, considerando apenas as maiores festas juninas da região, foi estimado em mais de R\$ 1 bilhão (VALADARES, PITOMBO,

¹⁷ Reportagem completa disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7087303/>>. Acesso em: 22/09/2020.

¹⁸ De acordo com o site oficial do evento. Disponível em: <<https://www.flica.com.br/a-festa/>>. Acesso em 22/09/2020.

2020). Em abril, frente ao avanço da pandemia, previa-se que o cancelamento das festas juninas provocaria uma redução de 23% das vendas nas cidades baianas (CANCELAMENTO, 2020). A perda é (será) certamente maior, seja porque não se restringe apenas às festas em si, reverberando em todos os segmentos econômicos envolvidos, como hotelaria, alimentação e bebidas, transportes rodoviário e aéreo, fogos de artifícios, fabricação artesanal de licores, entre outros, seja porque uma série de negócios transversais não puderam ser realizados. Podemos ainda acrescentar entre os segmentos que tiveram perdas com a ausência dessas (e outras) festas, uma diversidade de produtores da economia criativa e da agricultura familiar.

Na Bahia, onde o São João é celebrado tanto em cidades de médio e pequeno portes, como em pequenos povoados e comunidades rurais espalhados pelo interior, o governo do Estado estimou que a ausência do São João representou uma perda de R\$ 550 milhões. Afirma que, em 2019, só as prefeituras baianas investiram cerca de R\$ 190 milhões em serviços relacionados às festas. E que as 60 maiores festas privadas de São João, São Pedro e Santo Antônio tiveram um faturamento de cerca de R\$ 110 milhões e atraíram cerca de 500 mil pessoas (VALADARES, PITOMBO, 2020). O impacto se desdobra em outros números informados nessa reportagem da *Folha de São Paulo*, oferecendo uma dimensão mais aproximada dos prejuízos causados pela pandemia com o cancelamento das festas.

Por mais que esses números dimensionem prejuízos consideráveis, não há dúvida de que as perdas das festas ausentes foram (ou serão) ainda maiores. Em outra matéria, Hermes (2020) informa que, na Bahia, mais de 1 milhão de pessoas deixam a capital e se deslocam para o interior do Estado atraídas pelas festas juninas, e uma quantidade semelhante circula entre os municípios pelo mesmo motivo. Se, em decorrência de medidas sanitárias da pandemia, com o cancelamento das festas juninas, pelo menos, 2 milhões de pessoas não se deslocaram, eis um número aproximado de pessoas que deixaram de consumir em mais de 300 municípios baianos do interior que realizam festejos juninos.

É importante destacar que os prejuízos do cancelamento das festas juninas não perpassam somente a dimensão financeira. O apelo emocional

dos festejos juninos está na congregação da religiosidade, da partilha, da confraternização familiar, de memórias afetivas que são retomadas e fortalecidas. Trata-se de uma tradição festiva que percorre todo o país, mas que encontra no Nordeste a sua vocação e sentido originais. Mesmo com a espetacularização da festa, o São João remete aos festejos da rua, às trezenas da vizinhança, da reunião entre familiares e amigos(as) em torno das fogueiras. Um bom exemplo da dimensão religiosa e tradicional da festa junina é oferecido pelo museólogo Jomar Lima, membro do Conselho Municipal de Cultura e diretor técnico da Fundação Hansen Bahia em Cachoeira:

Uma das maiores devoções também é Santo Antônio. Santo Antônio é um dos Santos mais venerados. Talvez, acho que no mundo, é dos mais venerados. Vou dar o exemplo de minha mãe. Minha mãe tem 87 anos, toma conta de uma capelinha lá em um bairro de Cachoeira chamado Caquende. Já tem anos e anos, décadas que ela toma conta disso. Ela reza o mês de maio, mês mariano, os trinta e um dias, trinta e um dias rezando. A igreja é aberta, pessoal participando... Chega 1º de junho. Ela começa a rezar dia 1º de junho até dia 13. E aí não há reza só na capela, mas também em diversas casas de dona comadre fulana, de dona Antônia, de dona Raquel, e aí então o período de São João. O período junino, a partir do dia 1º, aí você tem essa parte religiosa muito forte que são as rezas e as trezenas de Santo Antônio. Você tem não só na sede em diversas localidades, mas também na zona rural em diversas localidades de Cachoeira, você encontra essas devoções muito forte.¹⁹

318

É assim em Cachoeira, onde se prima pela manutenção da festa junina em uma configuração mais tradicional, sem dispensar o poder de atração dos espetáculos. Com a pandemia, tem-se a ausência das festas em Cachoeira. Em 8 de abril de 2020 foi anunciado o cancelamento da tradicional Festa de São João Feira do Porto em Cachoeira, como medida de segurança sanitária frente ao avanço da pandemia da Covid-19. Não se sabia naquele momento, mas esse anúncio marcou o final do ano de 2020 para os eventos festivos de Cachoeira. Em 26 de julho, a exemplo da maioria das cidades pelo Brasil e pelo mundo, o *lockdown* foi decretado.

¹⁹ Entrevista realizada em 03/09/2020.

Para a cidade, que vem se recuperando economicamente, a partir da promoção de eventos festivos como forma de incrementar o turismo cultural, a ausência das festas foi muito mais que um contratempo. Sem exagero metafórico, Cachoeira ficou sem chão. Sem as movimentações festivas, que ritmam o tempo e dinamizam sua economia, o cancelamento das festas, sem dúvida, causou maior dificuldade de subsistência no contexto doméstico de muitas famílias cachoeiranas.

Difícil saber a quantidade de pessoas ou de famílias que se viram impedidas de obter renda extra com a venda ambulante ou nas barracas presentes na maior parte dos eventos festivos, ou ainda que deixaram de ocupar vagas de trabalho temporário nos bares e restaurantes, pousadas e hotéis de Cachoeira. Um dado que pode nos oferecer uma aproximação, ainda que difusa, das consequências da pandemia para as pessoas/famílias cachoeiranas mais necessitadas é a quantidade de beneficiários(as) do auxílio emergencial do governo federal. Dados do Portal da Transparência mostram que, em Cachoeira, nos meses de abril, maio e junho, uma média de 12,4 mil pessoas receberam o auxílio. Dessas, cerca de 5,7 mil já recebiam o bolsa família. Assim, a média de pessoas que recorreram ao auxílio emergencial durante a pandemia, no período referido, foi de 6,7 mil pessoas ou cerca de 20% da população de Cachoeira.

Não queremos dizer que esse cenário, econômico e socialmente nefasto, para 1/5 da população cachoeirana, tenha sido causado pelas festas ausentes. Mas é evidente que, considerando o quanto as festas representam para a economia cachoeirana, a não realização dos eventos festivos, em 2020, pesou muito no orçamento doméstico de parte significativa das pessoas/famílias mais carentes. Obviamente, a pressão exercida sobre o poder público municipal, pela flexibilização econômica, não poderia ser pequena. Uma avaliação sensível e clara do que foi a pandemia para o turismo e a cultura de Cachoeira nos foi dada pelo Prof. Cleydson do Rosário, popularmente conhecido como Keu de Carneirinho, atual Secretário Municipal de Cultura e Turismo de Cachoeira:

Devastador! Eu defino nessa palavra, devastador. São duas atividades inerentes a Cachoeira e superimportantes pra continuar aquecendo a economia de Cachoeira, que está em ascensão. Nós estamos saindo de um quadro, eu

não sou da área da economia, mas por trabalhar aqui, a gente percebe isso. Por viver em Cachoeira, ser daqui, trabalhar aqui, gastar o meu dinheiro aqui, a gente percebe que Cachoeira está saindo daquela fase crítica, da estagnação econômica, não é, estamos numa fase ascendente. Mas, infelizmente, a pandemia pegou o mundo de certa forma, em especial, Cachoeira, que tem como referência econômica, a atividade turística e cultural. Então, isso aí, imensurável, foi devastador. A gente passou cinco meses com os bares, pousadas, hotéis em Cachoeira, fechados. Flexibilizamos tem quinze dias, mas fazendo toda uma análise, e o pessoal sem entender: “Por que a demora?” Eu falei, gente, agora é uma questão de responsabilidade para com vidas.²⁰

Dentre as festas ausentes, o São João e a FLICA foram faltas economicamente mais sentidas. Somente com as duas, Cachoeira deixou de auferir, em 2020, um volume financeiro entre 15 e 20 milhões de reais, segundo informações da SECULT/Cachoeira. As consequências sociais da pandemia, todavia, são certamente muito mais abrangentes e profundas do que quaisquer quantias possam revelar. Eis o que tem a acrescentar o museólogo Jomar Lima, que também é sócio da CALI, detentora da marca FLICA e uma das realizadoras do evento:

320

São esses dois produtos de Cachoeira, que eu mais anseio que chegue, é justamente hoje São João e FLICA. Teríamos esse ano [2020] a 10ª edição. A FLICA também, o impacto dela, não é só Cachoeira. Acho que a diferença também tá na FLICA. É diferente em relação ao São João nesse sentido. Por que? O São João, cada cidadezinha dessa tem o São João, pequena ou não, com grandes bandas, pequenas bandas, mas tem seus festejos, às vezes até os seus festejos... Exemplo, Maragojipe, às vezes não tem o São João lá do porto, mas o povo em si faz a sua festa. Enfim, o São João é diferente. Aí você, queira ou não queira, as pessoas arrumam suas casas, limpam, tal, tal... Enfim, você tem essas festividades. Mas a FLICA é diferente, a FLICA, o impacto dela não é só Cachoeira. O impacto dela, você vê o impacto de um produto de Cachoeira, que está dentro de Cachoeira, mas impacta Cachoeira, São Felix, Muritiba, Santo Amaro... impacta Feira de Santana, porque você tem um volume... É impressionante o volume.²¹

²⁰ Entrevista realizada em 08/09/2020.

²¹ Entrevista realizada em 03/09/2020.

A festa de São João, somada ao prólogo festivo Esperando São João, transmutam a paisagem urbana de Cachoeira em cores, sons e movimentos de singular expressividade. O evento é marcado por ampla sociabilidade nas praças e nas ruas, e no agitado movimento ao longo da Feira do Porto. O São João de Cachoeira, pragmaticamente, reforça o sentido que Lefebvre (2008) atribuiu à festa ao considerá-la como o principal uso da cidade, de suas praças, ruas e monumentos em função do entretenimento e, claro, do consumo. A festa de São João, mais do que qualquer outra, usa a cidade de Cachoeira (re)funcionalizando os espaços públicos; na frente das moradias, recobra o tempo das festas juninas passadas, enquanto, no palco, oferece a atração principal na forma de espetáculos. Toda essa dimensão familiar, íntima e peculiar do São João é parte do patrimônio imaterial da festa que, em 2020, não teve como se traduzir em sociabilidades típicas desta festa.

321

No caso da FLICA, o cancelamento estancou preparativos em andamento, inclusive, a reconfiguração espacial do evento, a fim de melhor acomodar um público crescente ao longo dos anos. Sabemos que, em decorrência da pandemia, muitos eventos literários se adaptaram às mais variadas plataformas digitais e conseguiram realizar parte das suas programações. O grande problema de se migrar uma festa para o espaço virtual é a perda (de parte, senão toda) da sua essência: a confraternização entre as pessoas. Diferente das festividades religiosas ou das festas juninas, as festas literárias atraem o público interessado, principalmente, em conhecer e se aproximar, pessoalmente, dos(as) autores(as), o que, de alguma forma, é parte da ficcionalidade que apreciam em suas leituras.

A não realização da FLICA teve impacto econômico ainda mais contundente que o São João. Vejamos como o secretário Keu de Carneirinho, titular da SECULT/Cachoeira avalia a ausência da FLICA, em 2020:

A Flica é de Cachoeira. O nome já diz: Festa Literária Internacional de Cachoeira. É um produto que foi elaborado pra Cachoeira. Se sair daqui, vai ter que mudar de nome. [...] Hoje é o evento cultural que, em relação a retorno econômico pro município, é o mais rentável. Por que? Vamos fazer uma comparação aqui rapidinha com o São João. O São João, eu lhe expliquei que hoje pra

realizar o São João em Cachoeira, a gente investe um milhão, um milhão e trezentos mil. E a gente tem esse retorno de 7 a 10 milhões. E outra, a gente trabalha o mês de junho com um todo, não é, você vê, o Esperando São João pega o mês todo. A Flica acontece em três dias e meio. O município patrocina mais é com uma cota de patrocínio, que entra como infraestrutura pública de apoio. Não chega a 20%, o que a gente repassa pra Flica, como apoio financeiro, em relação ao São João. E o retorno é quase o mesmo. Você já passou a Flica aqui, você já viu como a cidade fica. Por dia, são 40 mil pessoas dentro de Cachoeira, não é a festa toda não, por dia.²²

Entendemos que a FLICA pode ser considerada, atualmente, uma festa da cultura e do diálogo do povo baiano com o restante do país. As perspectivas de investimentos e incentivos financeiros, para 2020, simplesmente não se concretizaram. As perdas mais sentidas com a ausência dessa festa (e todas as outras), certamente, foram as de cachoeiranas e cachoeiranos que, não só trabalham e buscam um rendimento extra e significativo no contexto de seus domicílios, como também o entretenimento, a confraternização e alegria das festas.

322

Considerações finais

Procuramos mostrar o quanto a cidade de Cachoeira tem investido em turismo cultural, sobretudo, nas últimas duas décadas, a partir da realização de festas populares. Das antigas às mais recentes, a cidade investe na perspectiva de atrair turistas que, ao buscarem participar de suas festas, apreciem seu patrimônio histórico cultural, encantem-se com a arquitetura dos prédios e igrejas, provem de sua culinária tipicamente baiana e contemplem sua paisagem singular no vale do rio Paraguaçu.

Partimos da história econômica recente de Cachoeira, que deixou para trás a estagnação econômica e ascendeu com uma atividade turística cada vez mais dinâmica, mas sobretudo incrementada por um calendário festivo de eventos significativos em, praticamente, todos os meses do ano. Nesse sentido, o aumento do número de festas a partir de meados dos anos

²² Entrevista realizada com o titular da pasta, em 08/09/2020.

2000 contribuiu para fluxos turísticos que se inserem em ciclos festivos que se sucedem e exigem grande esforço econômico e político de organização.

Ousamos dimensionar o peso socioeconômico das festas para a cidade de Cachoeira. Maior precisão nessa tarefa esbarra na dificuldade em obter dados abrangentes e atualizados ao nível municipal. Ainda assim, procuramos evidenciar o quanto os eventos festivos, em especial os festejos juninos e a Festa Literária Internacional de Cachoeira, constituem a base da dinamização econômica recente de Cachoeira. Mas, devemos lembrar, parafraseando o secretário de cultura e turismo, que as festas são atrações temporárias para o verdadeiro atrativo de Cachoeira, ou seja, seu patrimônio histórico-cultural, material e imaterial.

Por fim, tentamos oferecer uma aproximação dos impactos do cancelamento das festas cachoeiranas, em decorrência dos procedimentos de segurança sanitária contra o avanço da pandemia da Covid-19. Talvez, mesmo com os dados que oferecem uma ideia da importância das festas para a economia de Cachoeira, tenhamos chegado a um ponto de visada ainda distante de enxergar os efeitos das festas ausentes. Foram e são (e ainda serão) perdas que se avolumam e se desdobram para muito além de um centro comercial paralisado, das lojas fechadas, de imagens de ruas isoladas e praças vazias. Nesse contexto, podemos apenas presumir, em termos de efeitos negativos, o quanto a ausência das festas tem impactado a subsistência e a saúde emocional das famílias mais pobres da cidade ou das que vivem nos povoados e comunidades quilombolas em recantos rurais do município de Cachoeira. Sem dúvida, tempos difíceis, momentos de incertezas.

Se as festas celebram e confraternizam, sua ausência fratura o cotidiano de Cachoeira, amortecendo os sentidos e, com eles, o tempo e o espaço. Os sons das zabumbas, do samba de roda, das procissões e dos arrasta-pés foram substituídos pelo silêncio contemplativo, pelo murmúrio, por televisões e rádios. As decorações e o colorido das bandeirolas, dos licores, das roupas e artesanatos do São João Feira do Porto se foram com a ausência das festas. Em 2020, na FLICA ausente, os livros, ansiosos pelas mãos dos(as) leitores(as), tiveram que adiar o passeio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S.; REIS, R. B. “Análise da expressividade cultural do São João de Cachoeira-BA com a contribuição da geotecnologia: a percepção dos moradores locais”, *Revista Iberoamericana de Turismo*, Penedo, v. 6, n. 1, p. 94-113, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/2248>. Acesso em: 15-09-2020.

BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais do Estado da Bahia. *Efeitos da Festa de São João em municípios selecionados*. (Relatório). Salvador: SEI, 2013.

BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais do Estado da Bahia. *Índice de Performance Econômico e Social dos Municípios Baianos 2002-2010*. (Volume 1). Salvador: SEI, 2014.

BOAVENTURA, Davi. “Bahia de poucos santos”, *Cândido – Jornal da Biblioteca pública do Paraná*, Curitiba, p. 28-29, n. 28, nov. de 2013.

BRASIL, Ministério do Turismo. *Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais*. Brasília: Ministério do Turismo, 2006

“CANCELAMENTO de festas juninas deve provocar queda de 23% nas vendas de cidades da BA: Prejuízo financeiro e emocional”. *GI-Bahia*, Salvador, 10 de abril 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/04/10/cancelamento-de-festas-juninas-deve-provocar-queda-de-23percent-nas-vendas-de-cidades-da-ba-prejuizo-financeiro-e-emocional.ghtml>>. Acesso em 24-09-2020.

CASTRO, J. R. B. “O papel das manifestações culturais locais/regionais no contexto da turistificação das festas juninas espetacularizadas em Cachoeira-BA”. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009, Salvador. *Anais* [...]. Salvador: Edufba, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19383.pdf>>. Acesso em: 05-11-2019.

CASTRO, J. R. B. “Espetacularização e mercantilização das festas juninas na atualidade”. In: *Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano*. Salvador: Edufba, 2012. p. 85-146. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/tqvcej/pdf/castro-9788523211721-04.pdf>>. Acesso em: 10-04- 2020.

FARIAS, S. C. *O Programa Monumenta e a sua implementação em Cachoeira*. 2018. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/33914/1/2018_SylvioCarneirodeFarias.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2020.

FERNANDES, Rosali B.; OLIVEIRA, Leila C. S. “Evolução econômica do município de Cachoeira (BA): do século XVI ao século XXI”. In: SIMPÓSIO CIDADES MÉDIAS E PEQUENAS DA BAHIA, 3., 2012, Feira de Santana. *Anais* [...]. Feira de Santana: UEFS, 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/attachments/36772880/download_file?st=MTU4NTY1ODgxMCwxODcuNDQuMjUzLjlyLDY4MTgyMzEy&s=swp-toolbar>. Acesso em: 30 mar. 2020.

HERMES, Miriam. “Cancelamento das festas juninas terá forte impacto econômico”, *A tarde*, Salvador, 30 de abril 2020. Disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/2126359-cancelamento-das-festas-juninas-tera-forte-impacto-economico>>. Acesso em: 24-09-2020.

IBGE. *Perfil dos Estados e dos Municípios Brasileiros: Cultura 2014*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

IBGE. *Produto Interno Bruto dos Municípios: Ano de referência 2010*. 3. ed. (Série Relatórios Metodológicos, v. 29). Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2008.

LOPES, Rafael. “Flica movimentada economia no Recôncavo Baiano: Sebrae tem atuado na consultoria junto aos donos de micro e pequenas empresas da região”, *Agência Sebrae de notícias*, 16 de out. de 2018. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/BA/flica-movimentada-economia-no-reconcavo-baiano,d3e8cf8df0e76610VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em 22-09-2020.

NASSIF, Luis. “O cenário positivo das feiras e festas literárias no Brasil”, *GGN – Jornal de Todos os Brasis*, 26 de abril de 2012. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/cultura/o-cenario-positivo-das-feiras-e-festas-literarias-no-brasil/>>. Acesso em 22-09-2020.

PEREZ, L. F. “Festa para além da festa”. In: PEREZ, L. F.; AMARAL, L.; MESQUITA, W. *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011, p. 21-42.

PNUD. *Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil: Cachoeira-BA*. Brasília: PNUD-Brasil, 2013. Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/cachoeira_ba. Acesso em: 13 ago. 2020

QUEIROZ, L. M. A. *Turismo cultural e desenvolvimento: Cachoeira & Ouro Preto*. Cruz das Almas: EDUFRB, 2019.

ROCHA, R. *Cachoeira, Joia do Recôncavo Baiano*. 2. ed. Tucano-BA: Gráfica Tibiriçá, 2015.

SILVA, J. A. S.; SILVA, O. R. “Políticas públicas de educação superior e desenvolvimento local: as transformações no município de Cachoeira (BA) após a implantação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia”, *REDES - Revista do Desenvolvimento Regional*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 2, p. 209-232, maio/ago 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/11655>. Acesso em: 18-09-2020.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. “As feiras literárias, o livro e o leitor: ‘plumas emaranhadas’”, *Revista Leia Escola*, Campina Grande, v. 19, jan. 2019 (Número Especial FLIC – ISSN 2358-5870). Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/1427>>. Acesso em: 22-10-2020.

TAVARES, F.; CAROSO, C.; BASSI, F.; RAMOS, C. *Inventário das festas e eventos na Baía de Todos os Santos*. Salvador: Edufba, 2019.

VALADARES, João; PITOMBO, João Pedro. “Nordeste terá prejuízo de mais de R\$ 1 bilhão sem festas de São João”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 de jun. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/sem-festas-de-sao-joao-nordeste-tera-prejuizo-de-mais-de-r-1-bilhao.shtml>>. Acesso em: 24-09-2020.

Resumo: Nos últimos vinte anos, Cachoeira-BA tem feito festas para incrementar o turismo cultural. Em 2020, em decorrência da pandemia, a cidade se viu impedida de realizar a maior parte de suas festas. Ao abordar essa situação, este artigo objetiva compreender os efeitos socioeconômicos das festas ausentes em Cachoeira. Os resultados permitem afirmar que o cancelamento das festas teve um profundo impacto da economia e sociedade cachoeiranas.

Palavras-chave: Festas; Cidades; Pandemia.

Abstract: In the last twenty years, the celebrations have been holding to increase cultural tourism in Cachoeira (Bahia). In 2020, because of the pandemic, this city cannot hold most of its festive events. In addressing this issue, this article aims to understand the socioeconomic effects of the absence of celebrations. The research results allow us to affirm that the cancellation of the festivities had a deep impact on the economy and society of Cachoeira.

Keywords: Celebrations; Cities; Pandemic.

Recebido em: 29/09/2020

Accito em: 09/11/2020